



**Centro Universitário do Planalto Central Aparecido dos Santos - UNICEPLAC**  
**Curso de Pedagogia**  
**Trabalho de Conclusão de Curso**

**TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA:** Quais as dificuldades  
de adaptação no ambiente escolar?

Gama-DF  
2024

**Nicolly Fonseca Nóbrega**

**TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: Quais as dificuldades de adaptação no ambiente escolar?**

Artigo apresentado como requisito para conclusão do curso de Bacharelado em Pedagogia pelo Centro Universitário do Planalto Central Aparecido dos Santos – Uniceplac.

Orientadora: Profa. Esp. Rennée Cardoso

Gama-DF

2024

**Nicolly Fonseca Nóbrega**

**TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: Quais as dificuldades de adaptação no ambiente escolar?**

Artigo apresentado como requisito para conclusão do curso de Bacharelado em Pedagogia pelo Centro Universitário do Planalto Central Aparecido dos Santos – Uniceplac.

Gama-DF, 06 de out. de 2024.

**Banca Examinadora**

Rennée Cardoso

---

Prof. Nome completo

Orientador

Rhêmora Ferreira

---

Prof. Nome completo

Examinador

Osmam Souto

---

Prof. Nome Completo

Examinador

# **TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: Quais as dificuldades de adaptação no ambiente escolar?**

Nicolly Fonseca Nóbrega<sup>1</sup>  
Rennée Cardoso <sup>2</sup>

Eusilea Pimenta Roquete Severiano <sup>3</sup>

## **Resumo:**

No ambiente escolar, a adaptação de alunos com o transtorno do espectro do autismo é um processo complexo, repleto de obstáculos e que requer estratégias específicas e um ambiente acolhedor e adaptado, portanto, destacar a importância de adaptações curriculares para atender às necessidades individuais dos alunos com esse transtorno é importante, incluindo modificações em objetivos, conteúdos, critérios de avaliação e métodos de ensino. Este trabalho tem por objetivo geral descrever as dificuldades de adaptação de alunos com transtorno do espectro autista no ambiente escolar. Trata-se de um estudo de revisão bibliográfica com abordagem qualitativa. Realizar adaptações curriculares e adoção de métodos baseados na análise do comportamento aplicada são essenciais para o desenvolvimento e aprendizagem de alunos com transtorno do espectro autista. Tais adaptações incluem não apenas mudanças nas estratégias de ensino, mas também a criação de ambientes estruturados e previsíveis, que auxiliem na redução da ansiedade e estresse.

**Palavras-chave:** Adaptação; ambiente escolar; transtorno do espectro autista.

## **Abstract:**

In the school environment, the adaptation of students with autism spectrum disorder is a complex process, full of obstacles and requires specific strategies and a welcoming and adapted environment, therefore highlighting the importance of curricular adaptations to meet the individual needs of students. with this disorder is important, including modifications in objectives, content, assessment criteria and teaching methods. This work has the general objective of describing the difficulties of adapting students with autism spectrum disorder to the school environment. This is a literature review study with a qualitative approach. Making curricular adaptations and adopting methods based on applied behavior analysis are essential for the development and learning of students with autism spectrum disorder. Such adaptations include not only changes in teaching strategies, but also the creation of structured and predictable environments that help reduce anxiety and stress.

**Keywords:** adaptation; school environment, autism spectrum disorder.

1

---

<sup>1</sup> Graduanda Curso de Pedagogia, do Centro Universitário do Planalto Central Aparecido dos Santos – Uniceplac. E-mail: nicollyfonseca466@gmail.com.

<sup>2</sup> Professora Orientadora do Curso de Pedagogia, do Centro Universitário do Planalto Central Aparecido dos Santos – Uniceplac. E-mail: rennee.cardoso@uniceplac.edu.br

<sup>3</sup> Professora Co-orientadora: do Curso de Pedagogia, do Centro Universitário do Planalto Central Aparecido dos Santos – Uniceplac. E-mail: eusilea.severiano@uniceplac.edu.br.

## 1 INTRODUÇÃO

O Transtorno do espectro do autismo (TEA) é um distúrbio neurológico que afeta as interações sociais, a comunicação e o comportamento de um indivíduo desde a infância. Conforme o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5), o transtorno do espectro do autismo é definido por vários déficits persistentes na comunicação e interação social em uma série de condições, tais como, padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades por causa do hiperfoco.

No ambiente escolar, a adaptação de alunos com o transtorno do espectro do autismo (TEA) é muitas vezes um processo complexo, repleto de obstáculos e que requer estratégias específicas e um ambiente acolhedor e adaptado. Chiote (2015) destaca que a sobrecarga sensorial, a inflexibilidade comportamental e a dificuldade em compreender regras sociais implícitas são alguns dos principais enfrentados por esses alunos. A autora também destaca que a falta de formação adequada dos educadores e a ausência de recursos especializados contribuem para agravar essas dificuldades, tornando a inclusão um desafio ainda maior.

A escolha do tema surgiu diante de visíveis desafios, necessidades e dificuldades encontradas por crianças e profissionais em instituições escolares, nas metodologias e rotinas de inclusão educacional, há muita discussão sobre escolas inclusivas, porém é preciso compreender o contexto e procurar respostas que são adequadas. Nesse cenário surge a problemática dessa pesquisa: Quais são as dificuldades de adaptação de crianças com transtorno do espectro autista no ambiente escolar?

Diante desta indagação, o objetivo geral se dá em abordar as dificuldades de adaptação de crianças com o transtorno do espectro autista no ambiente escolar. Os objetivos específicos consistem em: Conhecer os principais empecilhos para os professores e alunos com TEA na adaptação em sala de aula; apontar a melhor forma de realizar uma adaptação da criança com TEA e apontar estratégias de intervenção para facilitar integração e desenvolvimento educacional desses alunos.

Tendo como justificativa do tema proposto: baseia-se em uma experiência na

qual tive em meu primeiro contato com a educação infantil, havia uma criança na sala que até então não era laudada, foi uma adaptação conturbada e ninguém entendia os motivos para a criança ser agressiva e resistente a participar de atividades em grupo, atípica dos demais educandos da turma. Dai foi instigado uma vontade de maior compreensão acerca da temática.

Logo, a inclusão de crianças com TEA nos ambientes escolares requer uma abordagem variada que tenha em conta as suas necessidades específicas e crie um ambiente acolhedor e adaptado. Segundo Pontes (2019), práticas de inclusão eficazes devem abranger adaptação curricular, estratégias instrucionais diferenciadas e apoio contínuo dos profissionais.

Chiote (2018) enfatiza a importância de adaptações curriculares, do uso de estratégias pedagógicas individualizadas e do apoio frequente da equipe multidisciplinar. Segundo a autora, práticas inclusivas devem ser pautadas na compreensão das características únicas de cada aluno, visando não apenas à sua integração social, mas também o seu desenvolvimento acadêmico e pessoal.

## **2 REFERENCIAL TEÓRICO**

### **2.1 Empecilhos para os professores e alunos na adaptação em sala de aula**

Segundo Silva e Schmidt (2017), alunos com TEA podem ter dificuldades em compreender as normas sociais implícitas e em se expressar de maneira convencional, o que pode levar ao isolamento social e à exclusão por parte dos colegas. Essas barreiras comunicacionais exigem que os professores desenvolvam estratégias de ensino diferenciadas e inclusivas.

No Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-IV) (figura 1) o transtorno do espectro autista é separado em três níveis de acordo com a gravidade, sendo eles: nível 1 exige apoio; nível 2 exige apoio substancial e o nível 3 exigindo muito apoio substancial. A especificidade de cada nível varia de acordo com a intensidade dos sintomas que cada pessoa com o espectro sofre, tendo como sintomas mais frequentes: déficits na comunicação social, dificuldades para iniciar interações sociais, inflexibilidade de comportamento, dificuldade em trocar de

atividades e problemas para trocar o foco.

Esses sintomas são descritos de forma esclarecidas no DMS-IV, na tabela a seguir:

**Figura 1 – Níveis de gravidade para transtorno do espectro autista**

**TABELA 2 Níveis de gravidade para transtorno do espectro autista**

Nível de gravidade	Comunicação social	Comportamentos restritos e repetitivos
Nível 3 "Exigindo apoio muito substancial"	Déficits graves nas habilidades de comunicação social verbal e não verbal causam prejuízos graves de funcionamento, grande limitação em dar início a interações sociais e resposta mínima a aberturas sociais que partem de outros. Por exemplo, uma pessoa com fala inteligível de poucas palavras que raramente inicia as interações e, quando o faz, tem abordagens incomuns apenas para satisfazer a necessidades e reage somente a abordagens sociais muito diretas.	Inflexibilidade de comportamento, extrema dificuldade em lidar com a mudança ou outros comportamentos restritos/repetitivos interferem acentuadamente no funcionamento em todas as esferas. Grande sofrimento/dificuldade para mudar o foco ou as ações.
Nível 2 "Exigindo apoio substancial"	Déficits graves nas habilidades de comunicação social verbal e não verbal; prejuízos sociais aparentes mesmo na presença de apoio; limitação em dar início a interações sociais e resposta reduzida ou anormal a aberturas sociais que partem de outros. Por exemplo, uma pessoa que fala frases simples, cuja interação se limita a interesses especiais reduzidos e que apresenta comunicação não verbal acentuadamente estranha.	Inflexibilidade do comportamento, dificuldade de lidar com a mudança ou outros comportamentos restritos/repetitivos aparecem com frequência suficiente para serem óbvios ao observador casual e interferem no funcionamento em uma variedade de contextos. Sofrimento e/ou dificuldade de mudar o foco ou as ações.
Nível 1 "Exigindo apoio"	Na ausência de apoio, déficits na comunicação social causam prejuízos notáveis. Dificuldade para iniciar interações sociais e exemplos claros de respostas atípicas ou sem sucesso a aberturas sociais dos outros. Pode parecer apresentar interesse reduzido por interações sociais. Por exemplo, uma pessoa que consegue falar frases completas e envolver-se na comunicação, embora apresente falhas na conversação com os outros e cujas tentativas de fazer amizades são estranhas e comumente malsucedidas.	Inflexibilidade de comportamento causa interferência significativa no funcionamento em um ou mais contextos. Dificuldade em trocar de atividade. Problemas para organização e planejamento são obstáculos à independência.

Fonte: DSM-IV (2014)

De acordo com Santos (2008), muitos professores não possuem o treinamento adequado para compreender e lidar com as características do TEA, resultando em dificuldades na aplicação de estratégias pedagógicas eficazes. Esse despreparo pode levar a interpretações errôneas do comportamento dos alunos, que são frequentemente vistos como indisciplinados ou desinteressados.

Favoretto e Lamonica (2014) destacam a importância de adaptações curriculares para atender às necessidades individuais dos alunos com TEA, incluindo modificações em objetivos, conteúdos, critérios de avaliação e métodos de ensino. Valle e Maia (2010) observam que tais mudanças exigem tempo, recursos e suporte especializado na área, que muitas das vezes são insuficientes nas escolas e sem essas adaptações o potencial acadêmico dos alunos com TEA podem ser

intensamente limitados pela falta de recursos.

A integração social é outro ponto que merece destaque. Camargo e Bosa (2012) indicam que alunos com TEA frequentemente têm dificuldades em interagir com seus colegas e compreender as normas sociais implícitas, o que pode levar ao isolamento e bullying, piorando a experiência escolar. A falta de compreensão e aceitação por parte dos colegas e até dos educadores dificulta a criação de um ambiente inclusivo e acolhedor.

De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação/9.394/96 (LDB), Art. 5º, o acesso à educação básica obrigatória é um direito público, assegurando a qualquer cidadão o direito à educação. Isso inclui a criança autista, que, como sujeito histórico e de direitos, deve ter garantido o acesso à educação assim como qualquer outro cidadão.

A Lei 12.764/2012, também chamada de Lei Berenice Piana, foi a responsável por reconhecer o autismo como uma deficiência e estabelecer orientações para a inclusão de pessoas autistas na sociedade. Essa lei criou as bases da Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista. A lei garante às pessoas autistas o direito ao diagnóstico precoce, permitindo que elas recebam os suportes e intervenções adequadas para seu pleno desenvolvimento, principalmente acompanhamento pelo sistema único de saúde (SUS).

## **2.2 Adaptação de crianças com TEA**

A adaptação escolar pode ser descrita de diferentes formas, como “inclusão” ou “transição” para a escola, mas o mais importante é compreender que o processo é gradual e difere para cada criança. Além de um ambiente favorável ao desenvolvimento físico e emocional, fatores como abertura da criança a novos ambientes e pessoas, bem como a capacidade de interagir e brincar com professores e colegas são fundamentais para facilitar esta adaptação. A adaptação é considerada bem sucedida quando a criança interage ativamente com outras pessoas, participa das atividades escolares e não tem dificuldades para comer e dormir no ambiente escolar. (Bossi; Brites; Piccinini, 2017; Santos; Cenci, 2018).

De acordo com Santos (2008), é essencial que os educadores compreendam

as características do TEA e adquiram habilidades para implementar estratégias pedagógicas adequadas. A formação permite que os professores se sintam mais confiantes e capacitados para atender às necessidades individuais dos alunos, promovendo um ambiente de aprendizagem mais inclusivo e eficaz.

Segundo Camargo e Bosa (2012), crianças com TEA frequentemente se beneficiam de ambientes previsíveis e estruturados, o que pode reduzir a ansiedade e facilitar a adaptação. A utilização de horários visuais, planejamentos diários e a manutenção de uma rotina estável ajudam os alunos a entenderem o que se espera deles e a se sentirem mais seguros no ambiente escolar.

De acordo com Silva e Schmidt (2017), a previsibilidade reduz a ansiedade e ajuda os alunos a entenderem o que esperar. Professores devem estabelecer horários fixos para atividades diárias e preparar os alunos para qualquer mudança na rotina com antecedência. Santos e Amaral (2021) afirmam que o uso de reforçadores positivos, como elogios e recompensas, pode motivar os alunos com TEA a se engajarem nas atividades escolares e a desenvolverem habilidades sociais e Lima et al. (2020) sugerem o uso de tablets, softwares educativos e dispositivos de comunicação que auxiliem os alunos a interagirem com o conteúdo acadêmico e a expressarem suas necessidades de forma mais eficaz.

### **2.3 Estratégias de intervenção para facilitar a integração e desenvolvimento educacional de crianças com TEA**

Segundo Silva e Schmidt (2017), uma das principais características do TEA é a dificuldade na comunicação e na interação social. Alunos com TEA podem ter problemas para entender e usar a linguagem verbal e não verbal, o que pode levar a mal-entendidos e isolamento social. De acordo com Oliveira e Santos (2019) alunos com TEA muitas vezes apresentam comportamentos repetitivos e uma forte preferência por rotinas. Mudanças inesperadas na rotina escolar podem causar estresse significativo e comportamentos desafiadores.

Lima e Souza (2020) observam que muitos professores não possuem formação específica para lidar com as necessidades de alunos com TEA. Essa falta de preparação pode resultar em estratégias de ensino inadequadas e na incapacidade de

fornecer o suporte necessário. Oliveira e Santos (2019) recomenda o uso de tecnologias assistivas, como aplicativos de comunicação e softwares educativos, para apoiar a aprendizagem e a comunicação. Esses recursos podem ser personalizados para atender às necessidades individuais dos alunos.

Santos e Amaral (2021) afirmam que a atitude dos colegas e a falta de compreensão sobre o TEA podem criar barreiras para a inclusão social. O preconceito e a falta de empatia podem levar ao bullying e ao isolamento dos alunos com TEA. Segundo Lima e Souza (2020), adaptar o ambiente físico da escola para reduzir estímulos sensoriais pode ajudar a minimizar o estresse dos alunos com TEA. Isso inclui a criação de espaços tranquilos, o uso de iluminação suave e a redução de ruídos excessivos.

É importante que práticas e abordagens já estabelecidas e comprovadamente eficazes para crianças autistas sejam implementadas em contextos educacionais. Destacam-se entre elas as intervenções comportamentais baseadas na análise do comportamento aplicada (ABA). Os métodos educacionais baseados na ABA têm demonstrado constituições significativas para o desenvolvimento de crianças com TEA porque envolvem estratégias estruturadas, claras e cuidadosamente planejada, com instrução direta e intensiva (Leach, 2010).

A Análise de comportamento aplicada (ABA) é dividida em várias estratégias dentre elas temos o ensino naturalístico, com ele é possível priorizar a motivação da pessoa no espectro, buscando atividades por meios de atividades reforçadoras; treino em tentativa discreta (DTT) também conhecida como ABA estruturado, tem como objetivo garantir mais autonomia e independência, e instrução direta (DI) que é uma forma de ensino com sistema padronizado, nesse método são usadas várias instruções sequenciais que a pessoa consiga alcançar o objetivo, como lições ou roteiros. (Rissato, 2022).

O método TEACCH que significa *Treatment and Education of Autistic and Related Communication Handicapped Children*, pode ser traduzido como "Tratamento e Educação para Crianças com Autismo e com Deficiências de Comunicação Relacionadas" utiliza uma avaliação chamada PEP-R (Perfil Psicoeducacional Revisado) para avaliar crianças com TEA, identificando tanto seus pontos fortes e

interesses como suas dificuldades de forma prática (Rissato, 2022).

Esse processo permite elaborar um programa individualizado que organiza o ambiente físico, cria horários e sistemas de trabalho, tornando claras as expectativas e utilizando métodos visuais para facilitar a compreensão. Dessa forma, o ambiente de convivência social e de aprendizagem é estruturado para proporcionar uma base sólida para todo o processo educativo. Assim, o aluno adquire mais independência ao longo do seu tempo, com o educador atuando principalmente no ensino de novas atividades (PEREIRA, et al., 2015).

A tecnologia assistiva é uma ferramenta poderosa para auxiliar o desenvolvimento e a inclusão de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), oferecendo recursos personalizados que atendem a diferentes necessidades de aprendizado e comunicação. Entre as tecnologias mais eficazes estão os aplicativos de comunicação alternativa, que possibilitam que as crianças expressem pensamentos e sentimentos, promovendo maior interação com as pessoas ao redor. Jogos e aplicativos educativos, por sua vez, trabalham habilidades cognitivas, sociais e linguísticas de forma lúdica, permitindo que cada criança evolua no seu próprio ritmo. (Marques, 2024).

### **3 METODOLOGIA**

O presente trabalho trata-se de uma revisão da literatura com abordagem qualitativa. De acordo com Gil (2002) a pesquisa bibliográfica permite ao pesquisador conhecer e compreender o estado atual de conhecimento sobre o tema abordado, contribuindo para o desenvolvimento de novas perspectivas ou hipóteses. Já de acordo com Minayo (2001), a pesquisa qualitativa busca explorar significados e percepções, enfatizando o contexto em que os dados são produzidos.

A presente pesquisa teve como pergunta problema: Quais são as dificuldades de adaptação de crianças com TEA no ambiente escolar?

Foram utilizados como critérios de inclusão para apresentação análise dos dados, os trabalhos referentes ao assunto em acervos de bibliotecas *on-line*, periódicos e sítios do Ministério da Educação publicados entre 1996 a 2022, com versão gratuita e na íntegra e em língua portuguesa. Como critérios de exclusão

aqueles publicados em *blog*, fórum ou que não tiveram embasamento na pesquisa e publicados em anos abaixo do ano 1996 ou que não estavam disponíveis na íntegra.

Para a coleta de dados foram utilizadas as bases: Biblioteca Virtual do Ministério da Educação (MEC), *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), google acadêmico, repositórios universitários e as seguintes Revistas: Revista online de Política e Gestão Educacional, Revista de Educação Especial, Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Foram utilizados os seguintes descritores: Síndrome do Espectro Autista, Educação, Adaptação escolar.

A organização da presente revisão ocorreu entre março a setembro de 2024, proporcionando direcionamento para a pesquisadora em relação ao assunto abordado, a fim de que pudesse formular hipóteses na tentativa de busca de resolução de problemas frequentes relacionados à assistência prestada em estudos anteriores.

Para a apresentação e análise de dados, foram selecionados trabalhos referentes ao tema, publicados entre os anos de 1996 a 2022, sendo 12 artigos científicos, 2 livros, 6 revistas, além de 2 legislações.

De posse das publicações, iniciou-se a leitura e triagem dos textos, ou seja, partiu-se para análise e interpretação do material de acordo com o tema escolhido, sendo selecionados enfim, para os resultados e discussão da pesquisa 21 publicações. Após este ter sido organizado e categorizado em áreas temáticas, iniciou-se a redação, desta forma, culminando o ciclo da pesquisa de revisão bibliográfica.

#### **4 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Alunos com TEA podem ter dificuldades em compreender normas sociais e em se expressar de maneira convencional (Silva; Schmidt, 2017). Camargo e Bossa (2012) complementam descrevendo que esses educandos em virtude das suas limitações não conseguem interagir de forma plena com seus colegas de classe, o que pode leva-los a serem isolados e até a sofrer *bullying* dos demais alunos que não são atípicos.

Nessa perspectiva, Silva e Bossa (2021) afirmam que a falta de compreensão sobre o TEA pode levar a um preconceito dos colegas de classe e muitas vezes dos próprios professores o que levaria esse aluno autista a sofrerem *bullying* e se isolar

dos demais. Silva e Schmidt (2017) declaram que a dificuldade na comunicação social e interação social e pela dificuldade para entender e usar a linguagem verbal pode também levar a mal entendidos e ao isolamento.

Favoretto e Lamonica (2014) descrevem sobre a importância de serem feitas adaptações curriculares, incluindo modificações em objetivos, conteúdos, critérios de avaliação e métodos de ensino que atendam as necessidades individuais de alunos com TEA. Valle e Maia (2010) complementam que, apesar das adaptações serem essenciais, levam algum tempo, recursos e suporte nas escolas. Autores como Bossi, Brites, Piccinini (2017), Santos e Cenci (2018) ressaltam que entender que o processo de cada criança é diferente, e que para que possa acontecer uma boa adaptação é necessário que a criança autista se sinta confortável tanto no ambiente escolar quanto com o professor e seus colegas de classe.

Lima e Souza (2020) enfatizam que muitos professores não tem capacitação para lidar em sala de aula com alunos que tenham autismo e suas especificidades o que acaba gerando estratégias de ensino inadequadas. Para Santos (2008) a falta de capacitação dos educadores para entenderem e lidarem com as características de crianças com TEA é um obstáculo, e resalta que é essencial que eles saibam compreender tais características e adquiram habilidades para implementar estratégias adequadas para o aprendizado desses educandos.

Leach (2010) declara que os métodos educacionais baseados na análise do comportamento aplicada (ABA) é uma das melhores metodologias para crianças autistas, pois desenvolvem estratégias estruturadas, claras e planejadas. Rissato (2022) complementa a fala dele citando três tipos de abordagens que tem dentro da ABA sendo a naturalista ocorre em ambientes menos formais e tem como foco promover a aprendizagem dentro de contextos de vida real, a estruturado o foco está na repetição de atividades e na resposta consistente da criança a comandos ou estímulos específicos e instruções diretas é uma abordagem mais didática, na qual o terapeuta instrui e corrige a criança de forma objetiva e imediata são as mais utilizadas para com crianças com espectro do autismo.

Camargo e Bosa (2012) assim como Silva e Schmidt (2017) reforçam que ambientes estruturados e previsíveis beneficiam estudantes com o transtorno do

espectro autista. A utilização de rotinas reduz a ansiedade dos educandos com autismo e os ajuda a entender o que devem esperar após cada atividade.

Diante disso, Oliveira e Santos (2019) ressaltam a preferência do autista para com rotinas definidas e que a falta dela ou mudanças repentinas na rotina escolar podem causar estresse e desregular a criança, podendo até desencadear crises pela quebra da rotina conhecida.

Lima et al. (2020) assim como, Oliveira e Santos (2019) referem sobre o uso de aparelhos tecnológicos como facilitadores de aprendizagem, tais como: tablets, softwares, softwares educativos e dispositivos de comunicação para auxiliar as crianças com TEA a se integrarem bem na sala de aula, com essa tecnologia podendo ser personalizada de acordo com as dificuldades de cada aluno.

Marques (2024) reforça falando que entre o uso de tecnologias para aprendizado e comunicação o uso de jogos e aplicativos educativos, trabalham habilidades cognitivas, sociais e linguísticas o que é essencial para as crianças nesse processo.

Nesse sentido, Santos e Amaral (2021) reiteram o uso de reforçamento positivo e recompensas, afim de motivar os alunos com TEA a participarem mais ativamente das atividades. Leach (2010) declara que os métodos educacionais baseados na análise do comportamento aplicada (ABA) é uma das melhores metodologias para crianças autistas, pois desenvolvem estratégias estruturadas, claras e planejadas.

Perante todo o exposto a Lei de Diretrizes e Bases/9.394/96 (LDB), Art. 5º, enfatiza a importância do acesso à educação básica para todos obrigatoriamente como um direito público, incluindo assim crianças com TEA como sujeito histórico de direitos. E em conformidade com ela a Lei 12.764/2012 criou as bases Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista, garantindo assim como a LDB o direito dessas pessoas na sociedade em que está incluída.

A preparação de professores e escolas para acolher alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) é essencial para criar um ambiente educacional inclusivo e acolhedor. Educadores capacitados podem implementar adaptações curriculares e estratégias de ensino que atendem às necessidades individuais dos alunos,

promovendo conforto e respeito. Ambientes estruturados ajudam a reduzir a ansiedade e a facilitar a interação social, combatendo o isolamento e o preconceito.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma condição do desenvolvimento neurológico que afeta a comunicação, a interação social e o comportamento. Ele se manifesta em diferentes níveis de intensidade e características, abrangendo desde indivíduos que apresentam dificuldades leves de comunicação até aqueles que necessitam de suporte intensivo. As pessoas com TEA podem ter padrões de comportamento repetitivos, interesses restritos e podem processar o ambiente de maneira diferente.

O principal empecilho para a inclusão de alunos com TEA é a dificuldade na comunicação e interação social podendo levar a criança ao isolamento e conseqüentemente a sofrer *bullying* dos demais alunos. Além disso a falta de preparo dos professores, agrava a situação, dificultando a implementação de estratégias pedagógicas adequadas.

Realizar adaptações curriculares e a utilização de métodos baseados na análise do comportamento aplicada são essenciais para o desenvolvimento e aprendizagem de alunos com TEA. Tais adaptações incluem não apenas mudanças nas estratégias de ensino, mas também a criação de ambientes estruturados e previsíveis, que auxiliem na redução da ansiedade e estresse.

Outro ponto que foi ressaltado durante a pesquisa foi a utilização de tecnologias em sala, para ajudar alunos com autismo a se integrarem da melhor forma possível na sala de aula, podendo fazer atividades próprias que abranjam suas dificuldades e com essa tecnologia ajudando na comunicação com os demais colegas e os professores.

Por fim, a partir dos autores estudados ao longo da execução desse trabalho, percebe-se como ter professores capacitados e a utilização de tecnologia assistiva são essenciais para uma boa integração da criança com autismo em uma escola regular de ensino, visando sempre a melhor forma de integra-la ao ambiente.

## REFERÊNCIAS

- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. APA. **DSM-5**: Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais 2 ed. Porto Alegre: Artmed, 2014. Disponível em: <https://www.institutopebioetica.com.br/documentos/manual-diagnostico-e-estatistico-de-transtornos-mentais-dsm-5.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2024.
- BOSSI, T. J.; BRITES, S. A. N. D.; PICCININI, C. A. Adaptação de Bebês à Creche: Aspectos que facilitam ou não esse Período. **Suplemento Especial: Pesquisa Qualitativa em Psicologia**, v. 27, p. 448-456, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-432727s1201710>. Acesso em: 23 set. 2024.
- BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB)**. Lei nº 9.394/96. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l9394.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm). Acesso em: 16 abr. 2024.
- BRASIL. Presidência da República Casa Civil. **Lei Berenice Piana**. Lei Nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/ato2011-2014/2012/lei/l12764.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2011-2014/2012/lei/l12764.htm). Acesso em: 21 out. 2024.
- CABRAL, Maria Elimar Cruz. Os desafios educativos para a inclusão de crianças com autismo no contexto escolar. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**. v. 07. p. 78-91, 2007. Setembro de 2022. ISSN: 2448-0959, Disponível em: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao/criancas-com-autismo>. Acesso em: 25 ago. 2024.
- CAMARGO, S. P.; BOSA, C. A.. Competência social, inclusão escolar e autismo: Um estudo de caso comparativo. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**. Jul-Set 2012, Vol. 28 n. 3, pp. 315-324. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-37722012000300007>. Acesso em: 08 set. 2024
- CHIOTE, L. M. (2015). Desafios da inclusão escolar para alunos com TEA: Uma revisão de literatura. **Revista de Educação Especial**, v.22, p. 147-160, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/issue/view/253>. Acesso em: 24 ago. 2024.
- CUNHA, M. B., & ALBUQUERQUE, G. A. Dificuldades de adaptação de alunos com TEA no contexto escolar. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 23, p.345-360, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/LwWNffpwcVWRvdwLTkMvdWF/>. Acesso em: 17 ago. 2024.
- DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006. Disponível em: <http://bds.unb.br/handle/123456789/863>. Acesso em: 23/09/2024
- FAVORETTO, Natalia Coraline; LAMÔNICA, Dionísia Aparecida Cusin. Conhecimentos e Necessidades dos Professores em Relação aos Transtornos do Espectro Autista. **Rev. Bras. Ed. Esp.**, Marília, v. 20, n. 1, p. 103-116, Jan.-Mar., 2014 Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbee/a/QRspYNYnBNvzjTvrbszsbQm/?format=pdf&lang=pt>. Acessado em: 08 set. 2024.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GIL, Antonio C. **Como Fazer Pesquisa Qualitativa**. Rio de Janeiro: Grupo GEN, 2021. E-book. ISBN 9786559770496. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9786559770496/>. Acesso em: 20 jun. 2024.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LEACH, D. **Bringing ABA into your inclusive classroom: a guide to improving outcomes for students with autism spectrum disorders**. Baltimore, MR: Brookes Publishing Company, 2010.

LIMA, M. R.; SOUZA, P. Q. (2020). Inclusão e adaptação escolar de alunos com TEA. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 26, p: 4, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbee/i/2020.v26n4/>. Versão online do ISSN: 1980-5470. Acesso em: 08 set. 2024.

LIMA, T. C. S. DE; MIOTO, R. C. T. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. **Revista Katálysis**, v. 10, n. spe, p. 37–45, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rk/a/HSF5Ns7dkTNjQVpRyvhc8RR/>. Acesso em: 12 jun. 2024

MAGALHÃES, Célia de Jesus Silva et al. Práticas inclusivas de alunos com tea: principais dificuldades na voz do professor e mediador. **Revista online de Política e Gestão Educacional**, Araraquara, v. 21, n. esp. 02, p. 1031-1047, nov. 2017. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/rpge/article/view/10386/6961>. E-ISSN: 1519-9029. Acesso em: 24 ago. 2024.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 8. ed. São Paulo: Hucitec, 2001. Disponível: <https://doi.org/10.1590/S1413-81232007000400030>. Acesso: 23/09/2024

OLIVEIRA, Francisco Lindoval. Autismo e inclusão escolar: os desafios da inclusão do aluno autista. **Revista Educação Pública**, v. 20, nº 34, 2020. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/20/34/autismo-e-inclusao-escolar-os-desafios-da-inclusao-do-aluno-autista>. Acesso em: 07 set. 2024.

RISSATO, Heloise. Ensino de comportamentos com ABA: quais estratégias utilizar?. **Genial Care**, 2022. Disponível em: <https://genialcare.com.br/blog/ensino-de-comportamentos-com-aba/>. Acesso em: 21 out. 2024.

Proença, M. F. R. et. al. A tecnologia assistiva aplicada aos casos de Transtorno do Espectro do Autismo (TEA). **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, n. 31, p. e541, 2019. Disponível em: <https://acervomais.com.br/index.php/saude/article/view/541>. Acesso em: 24 out. 2024.

MARQUES, Isabela. Tecnologia no autismo: como ela auxilia no desenvolvimento de pessoas autistas?. **Genial Care**, 2024. Disponível em: <https://genialcare.com.br/blog/tecnologia-no-autismo/>. Acesso em: 25 out. 2024.

## **Agradecimentos**

Agradeço, primeiramente, Deus por ter me guiado a sua vontade até aqui, e a segunda à minha orientadora, cuja orientação e apoio foram fundamentais em cada etapa deste trabalho. Sua paciência, dedicação e conhecimento me inspiraram a buscar o melhor resultado possível. Aos professores do curso que me proporcionaram uma formação sólida e compartilharam seus conhecimentos com generosidade, deixo minha sincera gratidão; cada aprendizado adquirido foi essencial para minha jornada acadêmica.

Também agradeço à coordenadora do curso, que sempre esteve disponível para apoiar e orientar. Por fim, um agradecimento especial à minha família – à minha mãe, irmã, cunhado e meus avós – por me aguentarem e me apoiarem incansavelmente ao longo deste processo. Ao Sad que foi crucial para mim durante esses anos de curso, seu apoio e ajuda me fizeram acreditar mais em mim e acolher essa fase da vida com mais carinho, obrigada por passar noites comigo ajudando em atividades tentando aprender junto comigo. Ao trio parada dura por terem deixado a vida na faculdade e fora dela mais leve e suportável quando tudo que eu queria era desistir e as meninas do Fofquinha pedagógica, por estarem comigo nesse final de processo tal qual estavam no início, obrigada por não terem desistido de mim.

A paciência e o carinho de todos vocês foram a base de toda a minha motivação e força, e sou eternamente grata por ter tido cada um de vocês ao meu lado ao longo desses quatro anos.

